

METRÓPOLE, SUBMETRÓPOLE E PROVÍNCIA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A CULTURA FLUMINENSE¹

METROPOLIS, SUBMETROPOLIS E PROVINCE IN THE STATE OF RIO DE JANEIRO: A BRIEF REFLECTION FLUMINENSE CULTURE

METROPOLIS, SUBMETROPOLIS Y PROVINCIA EM EL ESTADO DEL RÍO DE JANEIRO: UNA BREVE REFLEXIÓN SOBRE LA CULTURA FLUMINENSE

*Arthur Soffiati*²

O trabalho intelectual na província é invariavelmente problemático. Assombra-o sempre o perigo de resvalar para o provincianismo. Incontáveis são as dificuldades que se lhe apresentam, a começar pelas de ordem material até as de natureza crítica, passando pelos entraves que lhe impõem o contexto sociocultural. E a situação se torna tanto mais grave quando o intelectual vive e produz na província da província, como é o caso de cidades do interior do Estado do Rio de Janeiro e de todos os Estados brasileiros. Com efeito, se os centros mais dinâmicos de produção cultural do Brasil, malgrado tudo ainda situados no eixo Rio-São Paulo, não conseguiram conquistar uma autonomia suficiente em relação aos centros metropolitanos do hemisfério norte, que dizer das cidades localizadas no interior deste imenso país?

Outra indagação, esta de caráter mais pragmático, consiste em saber por que um intelectual permanece e produz na província. Sei que, dentro de uma determinada perspectiva teórica, todo ser humano é um intelectual. Aqui, no entanto, estou me referindo especificamente ao pensador, ao ficcionista, ao poeta, ao cientista, ao pintor, ao escultor, ao músico, aos artistas em geral. Ocorrem-me três respostas a esta questão:

1 - o intelectual ou o artista vive na província porque nela nasceu e dela não tem condições materiais de sair;

¹ Este artigo fora inicialmente publicado no jornal *Folha da Manhã* (Campos dos Goytacazes, 20 de fevereiro de 2009. Folha Letras) e cedido, gentilmente pelo autor, para publicação nesta edição, como forma de brindar esta planície que abraça nossa universidade e o editorial desta revista.

² Professor associado I aposentado. Universidade Federal Fluminense (UFF/ESR)

2 - o intelectual ou o artista vive na província porque, mesmo contando com a oportunidade de transferir-se para centros mais ativos, opta por ficar;

3 - o intelectual ou o artista decide abandonar os grandes centros e fixar-se na província.

Para caracterizar os três casos, poderíamos valer-nos do ideograma chinês "djái", que quer dizer "crise" e traz embutido em si dois significados: oportunidade e risco. Pensar em ambiente de província pode se constituir na oportunidade de trazer contribuições significativas ao conhecimento da realidade ou à criação artística, mas pode igualmente representar um grande perigo: o de esterilizar a inquietação e a criatividade.

É interessante observar que os primeiros povoadores do que futuramente seria o Estado nacional do Brasil não conheceram este problema, salvo alguns povos da Amazônia, que, segundo pesquisas recentes, sofreram influências das culturas andinas reunidas no Império Inca. As demais sociedades contavam com padrões culturais próprios e viviam em função deles, sem excluir os contatos e o intercâmbio cultural.

Contudo, a invasão das terras que futuramente alojariam o Estado brasileiro por europeus criou uma área periférica e dependente que não só consome bens e ideias das metrópoles como também conduz à esterilidade das elites pensantes, isto quando elas existem. A criatividade ficou por conta das camadas populares. Assim, duas culturas corriam paralelas no Brasil: uma espontânea, se bem que expressando influências externas mescladas às culturas indígenas, na qual se detectava a hegemonia europeia, produzida pelo negro, pelo mestiço e pelo branco pobre; outra postiça, empobrecida pelas elites intelectuais brasileiras no ato de copiá-la das metrópoles. Os movimentos culturais europeus repercutiram no Brasil de maneira inequívoca. Nos primeiros tempos da Colônia, pode-se falar em cultura européia no Brasil. A partir do Arcadismo, em cultura européia adaptada à realidade brasileira, que vinha se constituindo já havia três séculos: Romantismo, Realismo, Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo, Modernismo.

De todos estes movimentos, a área pioneira foi a Europa, sendo o Brasil área de difusão, posto que pintando-os com cores locais. Na capital do Rio de Janeiro, despontaram mestres do quilate de José Maurício Nunes Garcia, José de Alencar, Machado de Assis, Carlos Gomes, Chiquinha Gonzaga, Joaquim Callado, Ernesto Nazareth, Anacleto de Medeiros, Eduardo Souto, Lima Barreto, João do Rio, Heitor Villa-Lobos, Pixinguinha, Gilka Machado, Marques Rebelo, Augusto Frederico Schmidt, Nelson

Rodrigues, Antônio Torres, Nelson Pereira dos Santos, Rubem Fonseca, os novos e os novíssimos. As obras destes autores não estão alheias ao mundo europeu, principalmente, mas têm a marca inequívoca do Brasil e mesmo do Rio de Janeiro. Vale lembrar que, em termos de música popular, a cidade do Rio de Janeiro foi o berço do choro, do samba, da bossa nova e do funk.

O ponto fulcral parece ser o seguinte: não importa de onde vêm o intelectual e o artista. O que importa é se ele se identifica com uma possível cultura fluminense ou vive apenas no território do Estado do Rio de Janeiro.

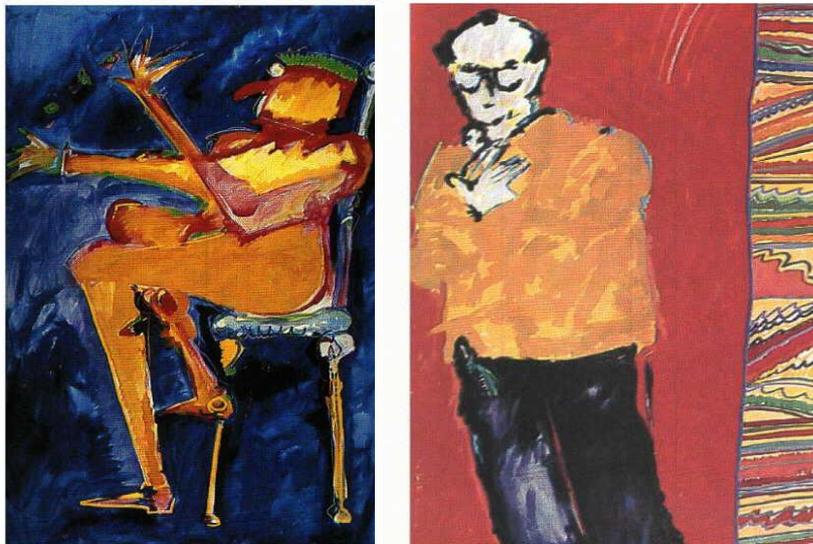
Não é sem motivo que os modernistas saíram à cata de uma cultura popular brasileira que pudesse inspirar manifestações culturais eruditas. Não é sem motivo também que uma das mais célebres discussões travadas pela inteligência brasileira interroga se nossas ideias estão no lugar ou fora dele. O Brasil importa e consome ideias ou as produz? O dilema está colocado e parece que nenhum dos lados detém a resposta definitiva. A cultura brasileira é e não é europeia. Tem e não tem a sua matriz nos centros do hemisfério norte. Ao mesmo tempo, pode-se dizer que a inteligência brasileira está a nos dever não uma cultura original e independente, mas a construção de uma cultura que, sem negar nossas raízes exógenas, seja criativa e expresse a nossa realidade. No final das contas, ainda continuamos de boca aberta para norte.

Este impasse tornou-se mais agudo com o advento dos meios de comunicação e da cultura de massa, que tendem a aplastar as diferenças culturais que resistiram ou sobreviveram ao processo de ocidentalização do mundo. Os modernistas falavam em construção de uma cultura erudita brasileira. Nós outros falamos hoje em resgate cultural, denotando nitidamente uma perda, um sequestro. Se esta questão se mostra aguda nos grandes centros culturais brasileiros, mais dramática ainda é a sua situação na província. Via de regra, deparamo-nos com dois casos: ou o produtor de cultura abandona a província e radica-se num grande centro, onde cantará de modo mais universal a sua terra ou a esquecerá, ou permanece na província, falando dela ou do mundo provincianamente. A maioria prefere a primeira via.

Do interior do Estado do Rio de Janeiro saíram Narcisa Amália, Francisco Saturnino Rodrigues de Brito, José de Saldanha da Gama, Alberto José de Sampaio, Alberto Ribeiro Lamego, Thiers Martins Moreira, José Cândido de Carvalho, Ivald Granato, José Américo Motta Pessanha, Ewelton Soares Pinto, Maria Alice Barroso, Altamiro Carrilho, Patapio Silva, Benedicto Lacerda, entre outros, que conservaram ou não

sua cidade natal no coração. Alguns chegaram a ganhar o mundo, como, dos que ficaram, poucos escaparam de produzir uma cultura provinciana. Um Múcio da Paixão, o Osório Peixoto de *Mangue*, Denancy Anomal são alguns nomes. Eis a grande dificuldade: viver na província sem ser provinciano. Dedicar-se ao estudo do regional sem perder de vista o universal ou tratar do universal sem esquecer o regional.

Figura 01 - À esquerda, Caçador de Idéias; à direita, My Friends.



Fonte: Ivald Granato, artista nascido em Campos (RJ).

Para os que partem, adeus. Sejam felizes e voltem sempre, pois nossa hospitalidade manterá as portas de nossas casas permanentemente abertas. Para os que ficam porque querem ficar, coragem. Lutem para não caírem na mimesis. Copiar o que se pratica no eixo Rio-São Paulo pode significar incorrer no erro que Platão imputava aos artistas, que, ao representarem o mundo, copiavam a cópia do original. Esforcem-se na busca da originalidade, estudando a realidade regional a partir das fontes mais virginais.

Não podemos nos limitar a repetir *ad infinitum* os nossos clássicos. Carecemos de recursos materiais e de ambiente cultural? Claro que carecemos. Por isto, nosso esforço deve ser redobrado e nosso senso crítico mais aguçado. Inútil nos lamuriarmos por não contar com as condições de produção intelectual existentes no Mundo Norte. Encaremos a realidade de vivermos na periferia da periferia e criemos alternativas adequadas a ele.

REFERÊNCIAS

- BILHARINHO, Guido. *O Cinema Brasileiro nos Anos 90 – Novos Filmes*. Uberaba: Brasil, 2004.
- CANTON, Katia. *Novíssima Arte Brasileira: Um Guia de Tendências*. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- CASTRO, Ruy. *Chega de Saudade: A História e as Histórias da Bossa Nova*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COUTINHO, Afrânio e GALANTE DE SOUZA, J. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, 2 vols. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/Fundação de Assistência ao Estudante, 1990.
- FROTA, Lélia Coelho. *Pequeno Dicionário da Arte do Povo Brasileiro: Século XX*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005.
- MARIZ, Vasco. *Dicionário Biográfico Musical* (Edição revista e aumentada). Brasília: Philobiblion/Pró-Memória/INL, 1985.
- PARANAGUÁ Paulo. *O Cinema na América Latina: Longe de Deus e Perto de Hollywood*. Porto Alegre: L&PM, 1984.
- REBELO, Marques. *Guia Antiturstico do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Desiderata/Batel, 2007.
- ROCHA, João Cezar de Castro. *Nenhum Brasil Existe: Pequena Enciclopédia*. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2003.
- SCHWARZ, Roberto. *Um Mestre na Periferia do Capitalismo/Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.
- SQUEFF, Enio e WISNIK, José Miguel. *Música*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- TRAVASSOS, Elizabeth. *Modernismo e Música Brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- WISNIK, José Miguel. *O Som e o Sentido: Uma Outra História das Músicas*. São Paulo, 1989.